

Dr. Eng. Hermínio Duarte-Ramos
Editor de **ELECTRICIDADE**

Navegação na Internet

Tempo houve em que os portugueses navegavam pelos oceanos, em frágeis caravelas, à busca de novos mundos. Com destino marcado após o embarque, mostravam ousadia nas intenções. Assim, cometeram actos de grande bravura, evidenciaram tenacidade e confiança nos conhecimentos adquiridos. Numa navegação heroica, molhada de qualificativos ao longo da história e que deu riqueza para prosperar em conjunto, dinamicamente.

Hoje navegamos na Internet. Uns à deriva, outros com destino indicado. A Internet transformou-se num oceano virtual, à dimensão planetária, onde os navegantes procuram novos mundos, também eles virtuais. Sem bravura, nem heroísmo. A título de pesquisa, a cobro de paciência. Para proveito individual, antes do afogamento por inundações descontroladas e poluídas, estaticamente sentados.

As crescentes ondas de informação, provenientes de todos os sítios, alheias a quebra-mares e indiferentes a molhes de protecção, encavalitam-se em marés vivas, qual fenómeno setembrista a corromper a tranquilidade do veraneio em despedida. As avalanchas de dados caem, às catadupas desfiltradas, dentro dos cérebros desprotegidos. E criam mossas, modificando os comportamentos humanos, pela desregulação dos neurónios.

O grande mal da navegação na rede é a falta de pré-selecção, pré-tratamento e pré-síntese. Tudo está ali à disposição. O bom e o mau, requerendo critérios de escolha. O trigo misturado com o joio exige um crivo de malha

correcta para uma boa separação. A matéria bruta, sendo disforme, precisa do cisel antes de tomar formas significativas. Exactamente aí é que se instala o verdadeiro problema: perante tanta matéria disponível, onde talhar preferencialmente?

Um docente universitário moderno, embrenhado no espírito virtual em que começamos a viver, já não prepara as suas aulas como aponta a tradição. Vai navegar na Internet e imprime tudo o que encontra sobre os temas a tratar. Obtém textos em pilhas de papel, desconexos, repetidores em muitas feições, bastante monótonos, sincopados, sempre incompletos, senão mesmo incorrectos, geralmente preparados para entrar depressa no obsoletismo. Depois, o investigador de engenharia não se dá ao trabalho de fundir os textos uns nos outros, dentro da lógica pedagógica. Assim, não evidencia os fundamentos, ficando pelas periferias do conhecimento — ainda que sob a propagandeada tutela da "inovação" e do "saber de ponta". Permanece na crista da onda, mesmo a "surfear" para o mergulho no túnel que o leva ao espalhamento na praia da ignorância.

Tudo isto parece crónica balofa deste tempo ou caratura profetizante do futuro que está a chegar. Mas não é. Tal docente de engenharia nem precisa de ensinar (e não ensina, na verdade), pois vai mais longe e disponibiliza todos esses textos numa base informática que lhe permite evitar a entrega de qualquer folha de papel aos alunos. Estes, quando quiserem, podem

consultar a base de informações, coligidas a esmo (sem pré-tratamento nem síntese prévia, pelo docente moderno), para realizarem o respectivo estudo no ecrã visualizador de qualquer computador (mesmo em sua casa).

Nesta perspectiva, o professor deixa de o ser. É um navegador. Que vai por mares onde todos navegam (tranquilo e sereno), recolhendo as ostras que encontrar pelo caminho. Coloca todas as espécies recolhidas num coral artificial e diz aos estudantes, muito democraticamente: "Meus amigos, dou-vos a liberdade de retirar as pérolas aí depositadas". Só que a maioria das ostras não contém qualquer joia e as que possuem recheio nem sempre revelam calibre de qualidade.

Mesmo que as pérolas sejam aceitáveis, são os alunos (em fase de aprendizagem) a enfiá-las ordenadamente na formação do colar que lhes irá dar classificação (e qualificação profissional). Tudo isto quando o próprio docente não o produz, dado que para tanto não lhe resta tempo, pois continua a navegar na Internet, afanosamente, à procura da última informação (para fazer o seu aparente brilharete frente aos dados fornecidos, transparentemente, aos estudantes).

No decurso do tempo, o docente e investigador vai-se transformando estruturalmente (sem se aparecer, convicto de que se está a inserir na modernidade), com profundas repercussões nos seus comportamentos humanos. Deixa de falar, dizendo apenas o mínimo necessário à transmissão das suas mensagens virtuais. Desliga-se da re-

alidade concreta, afasta-se do mundo à volta. Não discute os problemas gerais da humanidade, patentes no dia-a-dia. Que engenharia emerge daí? E que cultura?

A experiência que tenho de quem comigo trabalha e se apaixona profundamente pela navegação na rede WWW (World Wide Web) mostra claramente a deformação retratada nessa desumanização. Passa a reagir como a máquina. Livros, para quê? (se a consulta do espaço internetiano o satisfaz). Construção de obras, com que finalidade? (se apenas introduz no oceano internetiano as suas concepções e os respectivos resultados).

O primado maquínico da Internet gera o efeito perverso de desconexão com o mundo real. Os problemas autênticos da vida humana deixam de ter significado. Verifica-se até a incapacidade para os analisar e discutir. Quando um engenheiro internetiano é confrontado com a necessidade de emitir opinião sobre uma questão trivial da sociedade, mesmo acerca da actividade quotidiana comum a todos os mortais, perde-se em arrancos descabidos e desconexos — porque essa é a sua prática normal de navegante voluntariamente à deriva.

As novas tecnologias, sem qualquer dúvida, são úteis e dinamizadoras da evolução societal. Mas não se deve cair no deslumbramento, tomando uma inovação apaixonante como o caminho para a eternidade, ainda que a dimensão sistémica da rede Internet possa criar essa ilusão.

Não se deve esquecer que, antes de tudo, os homens são homens. □